

SEXUALIDADE NO ENSINO DE BIOLOGIA: UMA ABORDAGEM DIDÁTICA NA RODA DE CONVERSA

Sexuality in the teaching of biology: a didactic approach in the circle in the conversation

Vanessa das Graças Pereira de Souza [vanessagpds@gmail.com]

Instituto de Biociências

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Botucatu, SP

Marina Marques Pardini [marinamarquespardini@yahoo.com.br]

Milla Mariano Carvalho [millamaric@gmail.com]

Michele Munk [michele.munk@ufjf.edu.br]

Instituto de Ciências Biológicas

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG

Recebido em: 06/06/2021

Aceito em: 30/12/2021

Resumo

A sexualidade faz parte da constituição do sujeito e envolve particularidades como afeição, sensualidade, erotismo, orientações sexuais, relações emocionais e reprodução. Apesar da relevância, a temática ainda é um tabu. Quando abordada no contexto escolar a sexualidade integra-se ao currículo formal em seu aspecto biologizante. Essa forma de abordar a temática ignora a totalidade e não reflete as ansiedades, necessidades, questionamentos e curiosidades dos jovens. Considerando-se a relevância do tema, sua complexidade e as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento do conteúdo no âmbito escolar, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma intervenção pedagógica utilizando-se da roda de conversa como metodologia de ensino facilitadora à práxis docente. A atividade foi elaborada e desenvolvida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) do curso de Ciências Biológicas com alunos dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio e utilizou-se da roda de conversa como metodologia facilitadora à práxis docente. No decorrer da intervenção os/as discentes mostraram-se interessados e demasiadamente participativos, potencializaram as relações sociais e interpessoais. A proposta alternativa de criar uma roda de conversa tornou o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e desindividualizado. Constatou-se com esse trabalho que tratar a sexualidade em sua abrangência é um desafio, uma vez que o assunto ainda é um tabu no ensino. No entanto, são os/as docentes profissionais que podem auxiliar nesse processo, fazendo a contextualização do tema e facilitando a construção e reconstrução de conceitos, além de orientar os jovens no processo de tomada de decisões, propiciando a formação de opiniões pelos educandos. Este trabalho auxilia no campo da educação demonstrando que abordar a sexualidade na escola implica empenho e responsabilidade e deve ir além do caráter biologizante. Adicionalmente, a proposta de trabalhar sexualidade no contexto do PIBID Biologia colabora na formação inicial de professores e no desenvolvimento de práticas inovadoras para a melhoria do ensino de Biologia no Ensino Médio.

Palavras-chave: Educação Sexual; Formação docente inicial; Formação docente continuada; Ensino de Biologia; Adolescência.

Abstract

Sexuality is part of the constitution of the subject and involves particularities such as affection, sensuality, eroticism, sexual orientations, emotional relationships, and reproduction. Despite its relevance, the topic is still taboo. When approached in the school context, sexuality is integrated into the formal curriculum in its biologizing aspect. This way of approaching the theme ignores the totality and does not reflect the anxieties, needs, questions, and curiosities of young people. Considering the relevance of the theme, its complexity, and the difficulties faced in the development of content in the school environment, the present work aimed to carry out a pedagogical intervention using the conversation circle as a teaching methodology that facilitates the teaching praxis. The activity was designed and developed by scholarship holders of the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (PIBID) of the Federal University of Juiz de Fora (UFJF) of the Biological Sciences course with students from the 1st, 2nd, and 3rd years of High School and used if the conversation circle as a facilitating methodology for teaching praxis. During the intervention, the students were interested and overly participative, enhancing social and interpersonal relationships. The alternative proposal of creating a conversation circle made the teaching-learning process more dynamic and de-individualized. It was found with this work that treating sexuality in its scope is a challenge since the subject is still taboo in teaching. However, it is the professional teachers who can help in this process, contextualizing the theme and facilitating the construction and reconstruction of concepts, in addition to guiding young people in the decision-making process, providing the formation of opinions by the students. This work helps in the field of education by demonstrating that approaching sexuality at school implies commitment and responsibility and must go beyond the biologizing character. Additionally, the proposal to work on sexuality in the context of PIBID Biology collaborates in the initial training of teachers and in the development of innovative practices to improve the teaching of Biology in High School.

Keywords: Sexual education; Initial teacher training; Continuing teacher education; Biology teaching; Adolescence.

1 Introdução

Sexualidade na adolescência

A adolescência é definida como um período biopsicossocial que compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos segundo a Organização Mundial da Saúde OMS (1965)¹ marcado por uma série de mudanças físicas, psíquicas e sociais (Lourenço & Queiroz, 2010). Do ponto de vista biológico, a adolescência tem início a partir de uma série de mudanças orgânicas e fisiológicas resultantes da puberdade, que levarão, em última instância, à aquisição da maturidade sexual e capacidade reprodutiva do indivíduo (Barbosa, Franceschini, & Priore, 2006). Diversos fatores intrínsecos e ambientais estão envolvidos neste processo (Barbosa et al., 2006).

O controle das funções sexuais surge a partir da interação complexa de fatores físicos e psíquicos. Os sistemas nervoso, circulatório e endócrino trabalham em conjunto com a psique para desencadear eventos que conduzem à aquisição da maturidade sexual. Em ambos os sexos, essa cascata bioquímica tem início a partir da secreção do hormônio liberador das gonadotrofinas (GnRH) pelo hipotálamo, que estimula a secreção de dois hormônios principais: o hormônio luteinizante (LH) e hormônio folículo estimulante (FSH) pela adeno-hipófise. No sexo masculino, o FSH estimula a espermatogênese e o LH estimula a secreção de testosterona pelos testículos. No

¹ A OMS ainda aceita um outro estágio – juventude – que vai dos 15 aos 25 anos, englobando o período intermediário e final da adolescência e o período inicial da vida adulta.

sexo feminino, o FSH e o LH vão agir nos ovários, estimulando a produção de hormônios androgênicos (testosterona e androstenediona) e estrogênicos (estradiol e estrona), sendo que a ação desses últimos será responsável pela ruptura do folículo e consequente liberação do óvulo (Parisotto et al., 2003). Uma vez desencadeados, esses mecanismos levam a uma série de alterações físicas, fisiológicas, comportamentais e estruturais que resultam no desenvolvimento e maturidade de características sexuais secundárias (Parisotto et al., 2003). Também nesta etapa, os órgãos sexuais, junto à várias outras estruturas do organismo sofrem uma série de modificações mediadas pelo sistema nervoso autônomo (simpático e parassimpático), ocasionando reações que constituirão o Ciclo da Resposta Sexual Humana, cujas fases incluem a manifestação do desejo, a excitação e o orgasmo (Parisotto et al., 2003).

Durante esse período, o adolescente passa a lidar com o corpo em desenvolvimento, com o próprio sexo e o sexo oposto, com os papéis de gênero socialmente atribuídos, com a valorização do corpo, da aparência visual e passam a adotar uma série de comportamentos sociais e sexuais que são influenciados pelo contexto social e histórico em que estão inseridos. Estes elementos constitutivos, em conjunto, configuram a identidade do adolescente, e esta constitui-se o fator central do gênero e da sexualidade (Brêtas et al., 2011). No decurso desse processo, lidar com a sexualidade, com o corpo em desenvolvimento, o próprio sexo e o sexo oposto, bem como com os papéis de gênero socialmente atribuídos, levam a uma autoimagem do jovem e influencia no relacionamento do adolescente consigo e com o ambiente no qual está inserido (Brêtas et al., 2011).

Embora a definição de sexualidade seja complexa, entende-se que a sexualidade humana está, entre outras esferas, a serviço do prazer, sendo uma perversão do impulso natural (Ceccarelli & Andrade, 2018). A sexualidade está integrada à constituição do sujeito e envolve particularidades como afeição, sensualidade, erotismo, orientações sexuais, relações emocionais e reprodução (Abramovay, Castro, & Silva, 2004). Simultaneamente, os desdobramentos e debates teóricos destacam que a sexualidade deve ser pensada como um conjunto de construções sociais, políticas e históricas. Para Figueiró (2014, p. 55-56), a sexualidade:

(...) é uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais.

Estas definições, colocam a sexualidade como parte formadora e constituinte do indivíduo, compreendendo-se como parte integrante da formação da personalidade, do autodesenvolvimento pessoal e como um aspecto fundamental da qualidade de vida dos sujeitos. Sendo condição necessária para o bem-estar físico, psíquico e sociocultural.

No campo da psicologia, o desenvolvimento da sexualidade pode ser entendido como um conjunto de tarefas de desenvolvimento (TD) (Havighurst, 1953). Uma TD é uma competência que deve ser cumprida pelo indivíduo em determinado período do curso da vida para que este tenha um desenvolvimento saudável (Havighurst, 1953). Essas TDs podem ser resultado da própria maturação física e psicológica do indivíduo, como por exemplo aprender a andar, ou podem ser resultado de demandas culturais e expectativas coletivas, que vão prescrever as formas apropriadas de comportamento e papéis sociais e que são internalizados pelas pessoas e instituições, como por exemplo, escolher uma profissão (Havighurst, 1953). Se por um lado, o êxito no cumprimento de tal tarefa representa êxito na realização de tarefas posteriores, a falha em sua execução pode representar infelicidade, desaprovação e dificuldade na realização de TDs futuras que comprometerão o desenvolvimento adequado do indivíduo (Havighurst, 1953). De acordo com

Havighurst (1953), existem um conjunto de tarefas que devem ser cumpridas durante a adolescência, que incluem a aceitação do próprio corpo, o estabelecimento de relações sociais mais maduras com os pares de ambos os sexos e o desenvolvimento do papel social de gênero. Para o autor, o domínio bem-sucedido da fase adolescente da vida depende fortemente de tais tarefas terem sido tratadas de maneira adequada.

Embora as tarefas propostas por Havighurst tenham sido escritas há mais de 6 décadas e desde então tenham ocorrido mudanças sociais e econômicas substanciais no conceito de adolescência (Hurrelmann & Quenzel, 2015), não restam dúvidas de que a sexualidade em sua amplitude é estrutura substancial constituinte da adolescência e, portanto, desenvolver a própria sexualidade, além de lidar com ela de forma saudável são tarefas essenciais que andam atreladas aos processos de desenvolvimento pessoal e social (Brilhante & Catrib, 2011).

Cada vez mais, é pronunciada a necessidade do debate e discussões acerca da sexualidade com adolescentes. Nos últimos dois séculos, houve uma mudança substancial no período da adolescência como resultado da maturidade sexual (puberdade) precoce. Como consequência, o período da infância no curso da vida está ficando mais curto e o período da adolescência está se expandindo (Hurrelmann & Quenzel, 2015). Isso se traduz, inevitavelmente, em relações sexuais e gestação precoces, adoção de comportamentos sexuais de risco, maiores chances de transtornos psicossociais, além de maior insegurança e vulnerabilidade em lidar com as mudanças (Carel & Léger, 2008; Graber, 2013). Adicionalmente, a existência recorrente de controvérsias e discussões sobre aborto, liberdade e direitos sexuais e reprodutivos; e a alarmante propagação de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) colocam a sexualidade no centro das atenções (Cano, Ferriani, & Gomes, 2000; Moraes & Vitale, 2015).

Nesse sentido, é imprescindível a adoção de estratégias que garantam ao adolescente o acesso à orientação e acolhimento cada vez mais cedo. Sobretudo é urgente ampliar o acesso à informação, assim como, melhorar a qualidade e abordagem da sexualidade em sua plenitude, para que esta possa contemplar os anseios, curiosidades e questionamentos dos adolescentes, além da necessidade de intervenções projetadas que conduzam a educação para a sexualidade, com abordagens que acomodem todos os aspectos funcionais importantes da temática e os integre no plano fisiológico, emocional e social.

Abordagem do tema sexualidade na escola e a importância da formação inicial de professores

A escola tem papel fundamental na construção da interação do indivíduo com o mundo, com a forma de se enxergar e de enxergar o outro. É através do convívio escolar que se criam laços permanentes e temporários com pessoas fora do núcleo familiar e essa interação é capaz de despertar interesses e moldar gostos que seguirão com o indivíduo até a vida adulta. Segundo Beraldo (2003), isso transforma a escola em uma instância essencial de socialização, educação e informação para jovens e adolescentes.

No que tange a sexualidade, é incontestável o papel que a escola exerce sobre os jovens na percepção de sexo, gênero, comportamentos e valores, além de ser um espaço de aprendizagem e reflexão de práticas sociais (Gava & Villela, 2016). Segundo Louro “É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de Gênero e Sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz” (Louro, 1999, p. 81). Isso, denota o caráter fundamental da escola nas concepções a respeito de sexo, gênero, comportamentos e valores dos jovens e evidencia a importância da inserção de discussões sobre a temática nos espaços escolares.

Todavia, existem diferentes movimentos que criticam a abordagem da sexualidade na instituição escolar e colocam em discussão a capacidade do Estado de conduzir reflexões e

princípios sobre gênero e sexualidade com crianças e adolescentes (Gava & Villela, 2016; Monteiro & Ribeiro, 2020). No entanto, esses pontos de crítica ignoram os resultados das pesquisas atuais e assumem uma abordagem insensível à necessidade e o direito à reflexão e à produção de sentidos acerca da sexualidade entre os jovens e adolescentes (Gava & Villela, 2016).

É preciso considerar o tabu inerente às questões relacionadas à sexualidade, além da importância de tratar essa temática de forma intencional e articulada com jovens e adolescentes, uma vez que a construção de saberes relacionados à temática acontecerá inevitavelmente, seja de forma adequada ou não. Figueiró (2009, p. 53) alerta sobre o risco de deixar um jovem à mercê de experiências que não o ajudarão a vencer os medos e as dúvidas que surgem ao longo da vida, a autora afirma que “a comunidade escolar tem de tratar desse assunto para não deixar os jovens na dependência de fontes informais, de amigos, do que leram ou assistiram, ou da própria família”. Portanto, vale a reflexão: O que se deve entender por uma abordagem adequada da sexualidade no ambiente escolar? Em que condições ela deve ser ensinada? Como considerar a carga cognitiva e/ou emocional dos adolescentes e prevenir os limites pessoais de professores e professoras? (Beraldo, 2003). Como resultado desses questionamentos, emerge uma série de desafios a serem vencidos para se garantir uma educação para a sexualidade de qualidade nos espaços escolares.

Além dos entraves enfrentados pelo ensino, enquanto prática institucionalizada submetida à influência de grupos hegemônicos que defendem seus interesses e que podem estar em oposição aos valores educativos, a educação para a sexualidade, no âmbito escolar, enfrenta outros desafios. Geralmente, o tema integra-se ao currículo formal apenas em seu aspecto biologizante, o que restringe o significado e as áreas de abrangência dessa temática. Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) legitimem atribuições de caráter explicativo e instrutivo aos/as professores/professoras e reconheçam a orientação sexual, sexualidade e identidade de gênero como temas transversais (Brasil, 1998), as praxes docentes ainda são majoritariamente informativas, com ênfase em conteúdos como reprodução, IST's, métodos contraceptivos, aparelhos reprodutores, anatomia e fisiologia.

Apesar de reconhecida a necessidade de a escola desenvolver a educação para sexualidade a partir da problematização e do debate dos diversos assuntos relacionados à temática, professores e professoras, em geral, não possuem subsídios adequados para trabalhar essas questões (Spaziani & Maia, 2015). A este fator atribui-se principalmente, a ausência de apoio institucional e negligência na formação inicial e continuada de professores/professoras (Furlanetto et al., 2018), o que restringe a base de conhecimentos e a experiência desses/dessas profissionais e, mais tarde, reflete-se na dificuldade de abordar o conteúdo e na inabilidade para lidar com situações envolvendo a temática. Diversos trabalhos evidenciaram as lacunas na formação inicial de professores no que tange a abordagem da sexualidade nas escolas (Madureira, 2015; Rodrigues & Salles, 2011; Silva & Megid Neto, 2006; Santos, 2011). Neste cenário, as políticas de formação inicial e continuada ganham destaque de modo a permitir que professores e professoras desenvolvam as potencialidades necessárias à educação para a sexualidade nos espaços escolares (Locatelli, 2018).

A importância do PIBID na formação docente

A partir da década de 1990, houve uma série de reformas educacionais e ampliação de políticas voltadas à formação inicial de professores, destacando-se o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) e o Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) como ações mais relevantes (Locatelli, 2018).

O PIBID foi criado em 2007, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculado ao Ministério da Educação (MEC) com o objetivo de elevar a qualidade da Educação Básica através do aprimoramento da formação inicial de professores (Canan, 2012). O programa permite que os/as discentes dos cursos de licenciatura sejam inseridos

no contexto das escolas da rede pública de ensino e participem da elaboração de atividades, experiências metodológicas e práticas educativas que lhes propicie a oportunidade de criar, produzir e vivenciar experiências inerentes à prática docente (Silva et al., 2012).

Dessa forma, o programa permite aprofundamento e reflexão dos processos de ensino-aprendizagem e denota o papel das escolas públicas de Educação Básica como componentes fundamentais para a formação inicial docente de qualidade. Recentemente Paniago e colaboradores evidenciaram as contribuições do PIBID para a formação inicial, além de destacarem a importância das escolas, coordenadores e co-formadores para o processo de construção da aprendizagem docente (Paniago, Sarmiento, & Rocha, 2018). Além das contribuições do PIBID para a formação inicial, Rabelo & Coelho (2018), por meio de experiências compartilhadas por supervisores e coordenadores vinculados ao PIBID evidenciaram que o programa contribui também para a formação continuada através da promoção do desenvolvimento profissional e da (re)construção da identidade docente (Rabelo & Coelho, 2018).

Considerando que o PIBID tem se notabilizado como um programa relevante para a formação inicial e continuada de professores, e reconhecendo a ausência de capacitação dos docentes para educação em sexualidade e a importância de aprimorar a prática pedagógica frente ao desafio de abordar a temática no contexto escolar, o objetivo deste trabalho foi elaborar um plano de intervenção pedagógica conduzido por bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) subprojeto Biologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, para a construção e instrumentalização de habilidades essenciais à práxis docente em educação para a sexualidade

2 Procedimentos Metodológicos

Este trabalho trata-se de um estudo descritivo de abordagem observacional que relata a intervenção pedagógica no ensino para a sexualidade desenvolvida pelos/pelas bolsistas do (PIBID), subprojeto Biologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) na Escola Estadual Maria Ilydia de Resende Andrade, no Município de Juiz de Fora (MG). Os/As bolsistas de Iniciação à docência (ID), alunos/alunas do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas/UFJF, realizaram uma série de intervenções pedagógicas nesta escola, envolvendo alunos dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. O planejamento da atividade foi realizado em uma série de encontros entre os/as bolsistas do PIBID, a Coordenadora do subprojeto e a Supervisora - que é também a professora regente da disciplina Biologia na escola onde as intervenções foram realizadas.

A ideia surgiu a partir da necessidade de abordar o tema sexualidade com os/as alunos/alunas numa perspectiva emancipatória, de forma a promover a autonomia discente além de oportunizar a inclusão dessa temática na formação inicial de professores. Adicionalmente, havia uma demanda por parte da escola, uma vez que situações de importunação sexual e homofobia estavam sendo observadas recorrentemente entre os/as alunos/alunas.

Uma vez que, o PIBID propõe o uso de metodologias alternativas a fim de construir um processo de ensino-aprendizagem mais consistente, crítico e humano, as intervenções pedagógicas utilizaram-se da roda de conversa como metodologia facilitadora à práxis docente para abordar o tema sexualidade. A atividade foi baseada na pedagogia problematizadora (Freire, 1970), a qual sobrepõe a habitual relação educando-educador e sua interlocução, e em que todos se tornam sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento. Trabalhos anteriores evidenciaram a prática metodológica como uma estratégia de aproximação entre os sujeitos no cotidiano pedagógico e um instrumento eficaz para o estabelecimento de um espaço de diálogo e interação (Henares de Melo & Cruz, 2014; Lisboa, 2020; Sampaio, Santos, Agostini, & Salvador, 2014). Desse modo, procurando trabalhar com a reflexão e o diálogo, construímos rodas de conversa ao longo das intervenções considerando as questões propostas e o referencial teórico. Adicionalmente,

consideramos outra perspectiva de rodas de conversas, sugerida pelo trabalho de pesquisa “Significados de Sexualidades entre Crianças em uma escola Municipal de Cabo de Santo Agostinho-PE” (Queiroz, 2013), no qual o objetivo era compreender significados de sexualidades entre crianças. Para isso, nos interessou observar como os adolescentes vivenciavam a sexualidade. Assim, também fizemos uso da abordagem qualitativa ao utilizar da perspectiva etnográfica.

A principal diretriz das intervenções foi o envolvimento dos educandos através do estabelecimento de relações entre os conhecimentos prévios, o conteúdo em estudo e experiências pessoais. Adicionalmente, buscou-se trazer questões que permeiam o âmbito sexual e da sexualidade, como as questões de gêneros, assédio sexual, LGBTQIA+², homofobias e transfobias. A prática teve como principais conceitos a retratação de diferentes possibilidades de vivência da sexualidade. Buscou-se também problematizar os valores e aceções que circulam no âmbito social, partindo do entendimento de uma construção histórica e cultural.

Foram realizados dois encontros com cada turma, 1º ano (turmas A, B e C), 2º ano (turmas A e B) e 3º ano (turmas A e B), com duração aproximada de 90 minutos cada, ocorrendo durante o horário escolar referente ao turno matutino. As turmas apresentavam um número que variava de 30 a 40 alunos/alunas. A professora supervisora esteve presente em todos os encontros, no entanto não houve intervenção da mesma no transcorrer das atividades. Como o espaço das salas era reduzido, impossibilitando a disposição circular dos/das alunos/alunas, esses foram deslocados até o pátio da escola, para que pudesse, então, ser formada a roda de conversa. As rodas de conversa foram conduzidas de acordo com o cronograma abaixo:

Cronograma da intervenção pedagógica

Roda 1: O primeiro encontro se subdividiu em três momentos principais:

- a) 1º momento: Os/As bolsistas ID conduziram uma reflexão sobre sexualidade através de perguntas norteadoras que objetivaram despertar nos alunos sua consciência sobre a amplitude dessa temática. As questões levantadas inicialmente foram: “Sexo tem exclusivamente função reprodutiva?”, “O sexo também é fonte de prazer?”. Então, abriu-se espaço para que os/as discentes pensassem, problematizassem as questões postas e expressassem suas ideias. A partir do retorno dos/das alunos/alunas, fossem respostas ou novas perguntas, prosseguiu-se com a discussão abordando os temas “desejo sexual” e “masturbação”. Neste primeiro momento, buscou-se inculcar uma abordagem não biologizante do conteúdo, baseando a fundamentação teórica numa perspectiva freudiana, ao traçar um paralelo entre sexualidade e prazer na vertente psicanalítica (Freud, 2006).
- b) 2º momento: Uma vez sugestionadas as definições de “sexo” para além das questões reprodutivas e descartados alguns estigmas associados aos conceitos biológicos do termo “sexo”. Introduziu-se o assunto “gênero e sexualidade” e, com o auxílio de um projetor multimídia, foi apresentado aos/as alunos/alunas a imagem de Romeo (Figura 2), acompanhado do seguinte texto: “O pequeno Romeo Clarke, da foto acima, tem 5 anos e adora usar seus mais de 100 vestidos para as atividades do dia a dia. Eles são fofos, bonitos e têm muito brilho”, explicou o tabloide britânico Daily Mirror. Clarke virou notícia em maio do ano passado. O projeto de contrabando que ele frequentava na cidade de Rugby, no Reino Unido, considerou suas roupas impróprias. O menino ficou afastado até que decidisse - palavras da instituição - "se vestir de acordo com seu gênero".’ Ambos retirados do site Nova Escola (<https://novaescola.org.br/conteudo/80/educacao-sexual-precisamos-falar-sobre-romeo#>).

² Acrônimo para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Queer e Intersexuais. O símbolo “+” é adicionado para representar as pessoas que não estão contempladas nas seis letras iniciais.



Figura 1: Romeo

Fonte: Newsteam/SWNS Group / Grosby Group

Após a exposição, os/as alunos/alunas foram questionados sobre o que pensavam do texto e da imagem. E a partir disso, abordou-se o que é gênero, o que é sexualidade, identidade de gênero, seus aspectos, a influência da cultura, religião e política sobre os mesmos e a desconstrução da caracterização binária. Novamente, abriu-se espaço para que os/as discentes pensassem, problematizassem as questões postas e expressassem suas ideias.

- c) 3º momento: No terceiro e último momento, também com o auxílio de um projetor multimídia, foi exibido o vídeo intitulado: “Sexo não? 'Somos um casal apaixonado, mas não transamos há 3 anos – nem planejamos mudar'” disponível no YouTube através do link: https://www.youtube.com/watch?v=XftWP_MgdAc. Após a exposição do vídeo, os/as alunos foram questionados sobre o que eles pensavam do vídeo. Posteriormente às manifestações da turma, introduziu-se os conceitos de orientação sexual, o dualismo entre homossexual/ heterossexual e suas limitações em englobar formas de desejo humanos e pluralismo sexual. Por fim, foi distribuído um recipiente nomeado “Pote das questões” no qual os/as adolescentes poderiam depositar anonimamente dúvidas e curiosidades, as quais seriam abordadas em um segundo encontro.

Roda 2: O segundo encontro tratou de temas como assédio, abuso e importunação sexual, além de esclarecer as dúvidas e curiosidades que foram depositadas no “Pote das Questões” no primeiro encontro. Utilizou-se a mesma estratégia de trabalho do encontro anterior: roda de conversa.

- a) 1º momento: Os/as adolescentes foram conduzidos à seguinte reflexão: “Qual a diferença entre assédio, abuso e importunação sexual?” Uma vez levantado o questionamento, com o auxílio do projetor multimídia, foram apresentados 3 casos hipotéticos, cada um narrando elementos caracterizadores das três situações supracitadas.
- Caso 1: “Recém-contratada em um escritório de contabilidade, Inês foi chamada à sala de seu chefe para tratar assuntos relacionados ao trabalho. Durante a conversa, ele tenta tocar em seus braços e cabelos por diversas vezes, mesmo estando desconfortável, Inês não fala nada, por medo de ser demitida do emprego recém conquistado.”
 - Caso 2: “Em uma festa, Paulo, segurança do local, colocou entorpecente na bebida de Laura sem que ela percebesse, o que a levou a perder os sentidos. Aproveitando-se da situação, Paulo levou Laura até seu veículo, onde praticou sexo com ela, sem que Laura estivesse consciente.”
 - Caso 3: “Alice, de 17 anos, há um ano namora Luiz, de 20 anos. Alice é virgem e pretende manter relação sexual somente após o casamento. Quando estavam

sozinhos, assistindo TV, Luiz, aproveitando-se que Alice havia adormecido, começou a se masturbar e ejaculou no corpo da namorada.”

Os/as alunos/alunas foram orientados a se dividirem em grupos de 5 pessoas e discutirem entre si, a fim de classificar cada um dos casos como assédio, abuso ou importunação. Ao final da discussão, o grupo deveria expor e justificar a escolha para o restante da turma. Durante as apresentações, os/as bolsistas ID fizeram intervenções de forma a levantar breves discussões até que se estabelecesse a compreensão dos conceitos acima descritos.

- b) 2º momento: O segundo momento consistiu na abertura do “Pote das Questões” que objetivou esclarecer as dúvidas e curiosidades expostas pelos alunos no primeiro encontro.

Análise dos dados

Os dados foram analisados qualitativamente. A análise qualitativa buscou avaliar o quanto os alunos estiveram envolvidos com as atividades propostas, a capacidade de discutir e interagir com o grupo, e por fim, a assimilação de conceitos propostos. Todos os dados foram coletados com base nas observações feitas durante a intervenção pedagógica.

3 Resultados e Discussão

A apresentação dos resultados e de sua análise será dividida em dois eixos temáticos, (1) A sexualidade no espaço escolar e sua abordagem na roda de conversa e (2) A importância e os desafios da educação para a sexualidade na formação inicial de docentes do curso de Biologia.

A sexualidade no espaço escolar e sua abordagem na roda de conversa

Este trabalho trata-se de um estudo descritivo de abordagem observacional. Participaram da atividade um total de 253 alunos e alunas, integrantes dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio da Escola Estadual Maria Ilydia de Resende Andrade, localizada no Município de Juiz de Fora (MG).

Observamos que no decorrer da prática os/as alunos/alunas mostraram-se interessados e demasiadamente participativos. A proposta alternativa de criar uma roda de conversa tornou o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e coletivo (Figura 3). Observamos que a proposta de abordar a temática numa roda de conversas permitiu a maior interação do grupo, também observamos que pelo simples fato da troca da sala de aula pelo pátio, instigou a curiosidade dos/das alunos/alunas sobre o que seria discutido. De fato, foi demonstrado que o uso de espaços não convencionais de ensino representam um recurso facilitador, já que esses ambientes oferecem subsídios ao professor para inovar a sua prática, além disso, esses espaços promovem situações de ensino aprendizagem instigantes e facilitadores na aquisição de novos aprendizados (Sousa & Melo, 2016).



Figura 2: Roda de conversa
Fonte: Acervo dos autores

Durante a atividade, devido aos tabus relacionados à temática, esperava-se que os/as alunos/alunas ficassem tímidos e evitassem manifestar suas opiniões e dúvidas, no entanto, observamos que, ao contrário do esperado, houve intensa manifestação dos/das discentes, os quais expuseram suas dúvidas, curiosidades e até mesmo relatos de experiências pessoais. Atribuímos este fato à forma como os assuntos foram tratados, buscando desconstruir preconceitos e propiciar um espaço aberto ao diálogo.

Quanto aos tópicos abordados, observou-se que a maioria dos/das alunos/alunas compreendia o sexo também como fonte de prazer, embora tenham relatado suas percepções de tabus e limites colocados pelos pais e sociedade sobre o assunto. Com relação à masturbação, observou-se que a maioria dos meninos sentia-se à vontade em relatar suas experiências pessoais, enquanto que para as meninas o assunto não apresentava a mesma fluidez. A maioria das meninas optou por não se manifestar a respeito do assunto.

Brêtas e colaboradores (2011) observaram que 53% dos adolescentes do sexo masculino praticam a masturbação enquanto apenas 12% das adolescentes do sexo feminino realizam tal prática. Para os autores, esses dados refletem os comportamentos sexuais atribuídos socialmente à homens e mulheres. Embora prática comum entre os adolescentes, a temática permanece um tabu, como resultado de um assunto permeado por valores morais, éticos e religiosos. Em uma pesquisa realizada com professores de escolas da rede de ensino público de São Paulo, 9% deles, referiram-se à masturbação como um assunto que não deveria ser abordado na escola para não estimular a sua prática entre os alunos (Jardim & Brêtas, 2006). Se por um lado, o assunto permanece um tabu, por outro pudemos observar ao longo da atividade, que há anseios, dúvidas e questionamentos dos/das jovens sobre o tema. As perguntas mais recorrentes no “pote das questões” foram relacionadas a contribuição da masturbação para a ejaculação precoce nos homens e os prejuízos à saúde que a masturbação pode oferecer. Uma questão que nos chamou a atenção, também presente no Pote das questões era “se a mulher é capaz de ejacular a longas distâncias como o homem”. Observamos ao longo deste trabalho, que embora seja uma prática recorrente, os/as jovens têm dificuldades em compreender algumas questões relacionadas a prática, principalmente no sentido de compreendê-la como algo natural. Corroborando nossas observações, um estudo realizado com jovens de 13 a 19 anos mostrou que a masturbação é de fato um tema de difícil compreensão e, portanto, deve ser melhor explorado nas instituições de ensino (Marola, Sanches, & Cardoso, 2011).

A respeito da abordagem sobre gênero e sexualidade, uma vez questionados sobre o que pensavam sobre a imagem de Romeo, bem como o texto, a maioria dos/das alunos/alunas manifestaram opiniões concordantes com o direito do pequeno jovem em vestir-se da forma com a qual se identificava, embora alguns poucos alunos, em particular do 2º ano, manifestassem opiniões contrárias. Para estes, Romeo deveria se vestir como “homem”. Neste ponto, tais manifestações

serviram de suporte para fomentar a discussão sobre “o que é se vestir como homem?” e “o que é ser homem?”. Segundo Gagliotto e Lembeck (2011) “durante o processo de ensino, o confronto e a discussão de opiniões são fundamentais para que o aluno tenha condições de se posicionar”. Além disso, acreditamos que em um processo de ensino e aprendizagem satisfatório, deve haver comunicação entre alunos e professores, de modo que ambos atuem como co-responsáveis na construção do saber. Nesta perspectiva, professores devem acolher os pensamentos, sentimentos e ações dos alunos sempre que manifestados (Reeves, 2009). Ressaltamos ainda, que a abordagem adotada pelos e pelas bolsistas evitou a manifestação de valores ou preceitos morais. Foram levantadas apenas reflexões cunho teórico e científico. Assim como Gagliotto e Lembeck (2011), compreendemos que somente através do conhecimento científico é possível debater a sexualidade em sua plenitude. Por fim, entendemos que no contexto político vivenciado no Brasil atualmente, marcado pela desigualdade e opressão, são urgentes os debates acerca do conjunto de definições de gênero e sexualidade numa perspectiva social, histórica e cultural como forma de garantir os direitos fundamentais humanos dentro dos espaços escolares.

No que diz respeito a discussão sobre orientação sexual, dualismo entre homossexual/heterossexual e suas limitações em englobar formas de desejo humanos e pluralismo sexual (Dia 1, 3º momento), introduzimos o assunto com a exibição de um vídeo onde pessoas assexuais relatam suas experiências pessoais. Ao serem questionados sobre o que pensavam do vídeo, evidenciou-se que a grande maioria dos alunos mostravam estranheza e desconhecimento em relação à temática central do vídeo (assexualidade). Semelhante aos nossos achados, Roza (2017) em um estudo qualitativo com 93 adolescentes, com idade entre 16 e 18 anos, observaram que nenhum dos envolvidos na pesquisa tinha informações sobre assexualidade. Segundo Oliveira (2014, p.15) “A assexualidade pode ser entendida como “uma forma de viver a sexualidade caracterizada pelo desinteresse pela atividade sexual, podendo ser ou não acompanhada pelo interesse em relações amorosas”. Embora cerca de 7,5% das mulheres e 2,5% dos homens brasileiros (maiores de idades) declaram não sentir vontade de fazer sexo a temática permanece um tabu (Freitas, 2017). Nos últimos anos, cresceram os debates sobre comportamento sexual, no entanto, eles centram-se principalmente nas categorias heterossexual, homossexual e bissexual. Nessa linha de raciocínio, ressaltamos a importância de abordar o assunto com jovens e adolescentes. Em sua tese de doutoramento Oliveira (2014) evidencia as dificuldades enfrentadas por adolescentes assexuais em suas tentativas de conformação aos padrões estabelecidos, que resultam em ansiedade, sentimento de patologia e inadequação social. Segundo Oliveira, a escola é um espaço importante de enfrentamento da discriminação as sexualidades não normativas, e chama a atenção sobre a necessidade de ampliar discussões que promovam rupturas nos pré-conceitos no que se refere desejo sexual e/ou amoroso e envolvimento sexual.

O segundo encontro teve como principal objetivo permitir aos/as estudantes reconhecerem situações de assédio, abuso e importunação sexual. Observamos que em geral os/as alunos/as apresentaram dificuldades em associar a situação hipotética ao o que ela representava. De fato, em muitos casos há dificuldade no reconhecimento dos tipos de violência cometida, e o tabu que permeia a temática serve como alicerce para fomentar visões e acepções distorcidas sobre as práticas (Santos et al., 2018). Segundo dados do Ministério da Saúde, em 2018, foram registrados 86,8 mil casos de violação do direito das crianças e dos adolescentes, onde os a violência sexual figurava em aproximadamente 17 mil casos (Brasil, 2019). Neste ponto, tem sido consensual na investigação científica que reconhecer situações de assédio, bem como de violência sexual é uma das principais estratégias de enfrentamento de tais práticas, tanto de forma preventiva quanto protetiva. Para Santos (2009), o conhecimento básico acerca das características do abuso sexual constitui talvez, o primeiro passo para iniciar a apuração e a formação de redes de apoio e proteção com vistas ao seu combate. À luz dessas informações, é indiscutível a necessidade de atividades para conscientizar, prevenir, orientar e combater o abuso e a violência sexual de jovens e

adolescentes. Nossa proposta, de levar situações hipotéticas e discuti-las, bem como o que as caracteriza, tira o tema da invisibilidade e propõe um espaço de diálogo que promova a informação e sensibilização dos/das adolescentes para o assunto.

Por fim, com a realização desta intervenção pedagógica, observamos que os/as adolescentes têm dúvidas e perguntas sobre assuntos que permeiam a sexualidade, e que estas precisam ser respondidas de modo objetivo. Esperamos que este estudo possa contribuir para aumentar a potencialidade da temática, a fim de que sejam incorporadas práticas pedagógicas que estimulem à autonomia dos/das jovens e adolescentes das escolas públicas do país. Adicionalmente, acreditamos na necessidade de adotar práticas que elevem o conhecimento dos/das docentes no ensino para a sexualidade durante a formação inicial. Por isso, no próximo tópico levantaremos a reflexão sobre os desafios enfrentados pelas instituições formadoras em capacitar os futuros docentes para a educação em sexualidade e a importância do programa de formação inicial de professores/as nesse contexto.

A importância e os desafios da educação para a sexualidade na formação inicial de docentes do curso de Biologia

A Educação Sexual no âmbito escolar, em geral, se restringe ao viés meramente biológico e de prevenção de IST's ou gravidez, com foco nos processos fisiológicos que envolvem tais situações. Uma vez que o tema sexualidade tem maior proximidade com a área de Ciências Biológicas, muitos dos trabalhos realizados nas escolas são desenvolvidos nas aulas de Ciências e Biologia, em detrimento das demais disciplinas que compõem o currículo (Peixoto & Maio, 2013). Esse fato retrata a ausência, nas escolas, de projetos pedagógicos para nortear questões relacionadas à sexualidade e identidade de gênero, permeando a transversalidade e interdisciplinaridade que essas questões demandam. A inexistência de projetos de educação sexual intencional e emancipatória pode ser reflexo do despreparo dos professores para ministrarem esse tema, que, por sua vez, acreditamos ser ressonância da insuficiência nas formações docentes inicial e continuada para tratar a temática com a amplitude e profundidade que ela exige.

Felipe (2008) relata que grande parte das escolas e dos sistemas de ensino não possuem projetos continuados sobre sexualidade e relações de gênero e atribui isso ao fato do corpo docente não se sentir devidamente capacitado para lidar com situações que envolvam tais conceitos. Peixoto & Maio (2013) ao entrevistarem professores/as da Educação Básica, constataram que 37,5% deles afirmam não haver uma proposta efetiva para trabalhar sexualidade na Rede Estadual, já os 31,25% que dizem existir, relataram resistência dos/as educadores/as em participar dos projetos. Noro; Crespi & Nóbile (2019) em suas análises sobre conhecimento prévio e relevância da formação docente continuada sobre gênero e sexualidade verificaram que a maioria dos/as docentes ignorava o termo “heteronormatividade” e relacionaram essa desinformação ao fato de 83% dos professores entrevistados nunca ter frequentado um curso sobre o assunto, além de não terem tido em sua formação inicial abordagens sobre diversidade sexual e de gênero. Peixoto & Maio (2013, p.1) afirmam que “as políticas de formação inicial e continuada são insuficientes e não garantem aos/às profissionais da educação o conhecimento necessário para atuar como mediadores dos conflitos escolares existentes acerca da sexualidade humana”.

É preciso avançar na compreensão do papel da escola na construção da cidadania e na formação de sujeitos críticos e responsáveis, para tanto é imprescindível investir na formação docente de modo qualificado e competente, a fim de que os/as professores/as não reproduzam confusões conceituais e não interpretem equivocadamente as teorias que discutem identidades de gênero, identidades sexuais, relações étnico-raciais, dentre outras que têm o poder de esclarecer a sociedade, mas também de desencadear e justificar desigualdades e discriminações (Felipe, 2019).

O Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, apresenta uma série de lacunas em seu currículo o que impossibilita uma sólida formação docente em sexualidade e identidade de gênero. Como evidenciado por Santos et al. (2018) a temática é pouco frequente nos projetos pedagógicos das instituições de ensino superior, o que resulta em uma formação inicial precária e, conseqüentemente, não capacitante para abordagem deste tema nas salas de aula. Na UFJF, o currículo da Licenciatura em Ciências Biológicas não inclui uma disciplina específica sobre sexualidade, no entanto, há a oferta da disciplina ‘Estágio Supervisionado no Ensino de Biologia I’ na qual os/as alunos/as entram em contato com esse conteúdo, porém de forma superficial. Essa é a realidade de muitos currículos de licenciatura do nosso país, Peixoto & Maio (2013) verificaram que 37,5 % dos/as docentes entrevistados em sua pesquisa responderam que, quando a sexualidade é trabalhada em sua formação inicial, ela é integrante de outras disciplinas; alguns participantes relataram que esse conteúdo não foi trabalhado ou foi desenvolvido de forma bastante sucinta, sendo insuficiente para capacitá-los para atuar como mediadores de discussões acerca do assunto. Isso evidencia que, mesmo nos cursos de formação de professores/as, falta espaço para a Educação Sexual.

A UFJF, à frente de outras instituições, possui um grupo para estudo, discussão e planejamento de projetos sobre temáticas relativas às sexualidades, gêneros, corpos e intersecções, denominado Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED). Este promove eventos abertos aos estudantes da UFJF e, em seu âmbito, emergiu o curso de especialização “Relações de gênero e sexualidades: perspectivas interdisciplinares”, o qual possui, entre outros objetivos, a ampliação da formação de licenciados/as e bacharéis nas diversas áreas de ensino. Embora esses recursos representem possibilidades de vivência de temáticas relacionadas à Educação Sexual na formação inicial docente ofertada pela UFJF, ainda há limitações. Nesse sentido, o PIBID emerge como uma oportunidade de suscitar discussões e reflexões significativas sobre sexualidade junto aos licenciandos de Biologia.

Uma vez que, entre as propostas do PIBID está a participação dos/das bolsistas em práticas docentes de caráter inovador, o grupo propôs uma intervenção pedagógica não-convencional baseada na pedagogia problematizadora (Freire, 1970) utilizando-se da roda de conversa como metodologia facilitadora. Para a realização da atividade, buscamos refletir sobre as condições sociais, culturais, políticas e históricas sob as quais se formou nossa compreensão sobre sexualidade, problematizando-se as estruturas socioinstitucionais que condicionam a adoção de determinadas condutas no contexto da educação sexual escolar. Na pretensão de romper com o modelo tradicional, assinalado pelo seu caráter restritivo, buscamos nos desvencilhar de conceitos pré-estabelecidos, propondo uma reflexão docente crítica e emancipatória (Gagliotto & Lembeck, 2011).

As reflexões e discussões acima relatadas ocorreram durante os encontros semanais do PIBID foram mediadas pela coordenadora do subprojeto Biologia e pela Professora supervisora. Toda atividade e intervenção realizadas nas escolas são previamente discutidas em oficinas de formação/capacitação no âmbito da Universidade, passam por um processo de planejamento, análise dos métodos e técnicas, a fim de verificar sua real viabilidade e tempo de duração. Antes da execução no ambiente escolar, as propostas são testadas e, caso necessário, são realizadas eventuais mudanças, buscando melhorar a didática das aulas.

Durante a elaboração da atividade foi notável a quantidade de dúvidas acerca da temática entre os licenciandos/as, principalmente em discernir gênero de sexualidade; diferenciar assédio, abuso, violência, exploração e importunação sexual; compreender pluralismo sexual e direitos sexuais. Neste momento, reconheceu-se a falta de uma formação docente adequada no que tange às questões de educação sexual. Em um estudo realizado com professores dos anos finais, observou-se que a maioria deles tinha uma noção sobre o tema, mas não possuíam propriedade para uma

discussão mais abrangente e profunda em sala de aula (Gonçalves, 2019). Assim, as discussões realizadas por nosso grupo, bem como a leitura de bibliografia pertinente, possibilitaram aos/as bolsistas aprofundarem e fortalecerem seus conhecimentos sobre a temática, frisando a relevância do conhecimento e apropriação do conteúdo.

A execução da intervenção pedagógica na escola enriqueceu a experiência docente dos bolsistas do PIBID na medida em que demandou destes uma busca pelo conteúdo para além do que lhes era ofertado em sua formação inicial e também por proporcionar a vivência e a superação dos desafios de se trabalhar uma temática tão polêmica e delicada na escola. Nesse contexto, é preciso destacar a importância da promoção de políticas de formação docente que priorizem a inclusão/discussão da educação para sexualidade e, por conseguinte, a relevância que os currículos bem construídos têm para a converter as representações negativas e a invisibilidade dos gêneros em formas legítimas de pertencimento, produzindo, assim, a possibilidade de incorporar discursos e práticas docentes que promovam a equidade, bem como o reconhecimento das identidades.

4 Considerações Finais

Constatamos, através desse trabalho, que uma vez proporcionado um espaço aberto de diálogo os jovens sentem-se livres para trazer suas percepções sobre sexualidade e, que apesar da série de tabus que permeiam a temática, os jovens reconhecem o sexo como fonte de prazer. Constatamos também que a maioria dos alunos têm estranheza ou não reconhece o termo assexualidade, e mostram dificuldades em discernir situações de assédio, abuso ou importunação sexual.

Por fim, observamos que tratar a sexualidade em toda sua abrangência é um grande desafio, uma vez que, além dessa temática incluir aspectos biológicos, sociais e culturais, o assunto ainda é um tabu na sociedade. No entanto, são os/as docentes os/as profissionais que podem auxiliar nesse processo, fazendo a contextualização do tema e facilitando a construção e ressignificação de conceitos, além de orientar os jovens no processo de tomada de decisões, propiciando bases para formação de opiniões pelos educandos. Nesse sentido, é perceptível a urgência de se investir na formação docente, tanto na inicial quanto na continuada, a fim de capacitar os professores para ministrarem a temática sob um viés intencional e emancipatório, que ultrapasse o caráter biologizante desse tema. Adicionalmente, a proposta de trabalhar Sexualidade no contexto do PIBID-Biologia contribui para formação inicial dos futuros professores e no desenvolvimento de práticas inovadoras para a melhoria do ensino de Biologia na Educação Básica de escolas públicas. Educar para sexualidade nada mais é que garantir autonomia, cidadania e respeito a todos os sujeitos, garantindo a finalidade da Educação, que é capacitar o aluno para ser um agente transformador da sua realidade social.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. DA. *Juventude e sexualidade*. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unesco/juventudes_e_sexualidade_2004.pdf. Acesso em: 23 de fev. 2021.

BARBOSA, K. B. F.; FRANCESCHINI, S. DO C. C.; PRIORE, S. E. Influência dos estágios de maturação sexual no estado nutricional, antropometria e composição corporal de adolescentes. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 6, n. 4, p. 375–382, 2006.

BERALDO, F. N. DE M. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 7, n. 1, p. 103–104, 2003.

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, 2019. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH). Relatório violência contra crianças e adolescentes. Brasília, DF: ONDH; 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/disque-100-1>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- BRÊTAS, J. R. DA S. et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 7, p. 3221–3228, Jul. 2011.
- BRILHANTE, A. V. M.; CATRIB, A. M. F. Sexualidade na adolescência. *FEMINA*, v. 39, n. 10, p. 504–509, 2011.
- CANAN, S. R. PIBID: promoção e valorização da formação docente no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores - Formação Docente*, v. 4, n. 6, p. 24–43, 2012.
- CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. DAS G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 8, n. 2, p. 18–24, Apr. 2000.
- CAREL, J.-C.; LÉGER, J. Clinical practice. Precocious puberty. *The New England journal of medicine*, v. 358, n. 22, p. 2366–77, 29 May 2008.
- CECCARELLI, P. R.; ANDRADE, E. L. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 21, n. 2, p. 229–250, Jun. 2018.
- FELIPE, Jane. Educação para a sexualidade: uma proposta de formação docente. In: BRASIL, Ministério da Educação. Salto para o Futuro. Educação para igualdade de gênero. Ano XVIII, Boletim 26, nov 2008, p. 31-38.
- FELIPE, Jane. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana (org.). Para pensar a docência na Educação Infantil. Porto Alegre: Evangraf, 2019.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A educação Sexual presente nos relacionamentos cotidianos. (Org.). Educação sexual: em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009, p. 63-104
- FIGUEIRÓ, M. N. D. *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. 2. ed. Londrina: EDUEL, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970, 184 p.
- FREITAS, H. Assexualidade: pouco discutida, mais comum do que se imagina. O Estado de S. Paulo. 2017. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento>, assexualidade-pouco-discutida-mais-comum-do-que-se-imagina,70002028481. Acesso em: 20 fev. 2021.
- FURLANETTO, M. F. et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa*, v. 48, n. 168, p. 550–571, Jun. 2018.
- GAGLIOTTO, G. M.; LEMBECK, T. Sexualidade e adolescência: a educação sexual numa perspectiva emancipatória Giseli. *Educere et Educare – Revista de Educação*, v. 6, n. 11, p. 1–18, 2011.

- GAVA, T.; VILLELA, W. V. Educação em Sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, n. 24, p. 157–171, Dec. 2016.
- GONÇALVES, Caliandre Almeida. As concepções docentes sobre a sexualidade em turmas dos anos finais, em uma escola no município de Governador Mangabeira – BA. Monografia. Governador Mangabeira - BA, 2019. 60 f.
- GRABER, J. A. Pubertal timing and the development of psychopathology in adolescence and beyond. *Hormones and Behavior*, v. 64, n. 2, p. 262–269, Jul. 2013.
- HAVIGHURST, R. J. (1953). Human development and education. New York, Longmans, Green.
- HENARES DE MELO, M. C., & CRUZ, G. D. C. (2014). Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. *Imagens Da Educação*, 4(2), 31.
- HURRELMANN, K.; QUENZEL, G. Lost in transition: status insecurity and inconsistency as hallmarks of modern adolescence. *International Journal of Adolescence and Youth*, v. 20, n. 3, p. 261–270, 3 Jul. 2015.
- JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. DA S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 59, n. 2, p. 157–162, Apr. 2006.
- LISBÔA, F. M. (2020). Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade. *História Oral*, 23(1), 161–182.
- LOCATELLI, C. A Política Nacional de Formação Docente: o programa de iniciação à docência no contexto brasileiro atual. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 12, n. 2, p. 308–318, 14 May 2018.
- LOURENÇO, B.; QUEIROZ, L. B. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. *Revista de Medicina*, v. 89, n. 2, p. 70–75, 19 Jun. 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 81.
- MADUREIRA, A. F. A. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia*, v. 23, n. 3, p. 577–591, 2015.
- MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicol. educ*, n. 33, p. 95–118, 2011.
- MONTEIRO, S. A. DE S.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. *Pesquisa e Ensino*, v. 1, p. e202011, 1 Mai 2020.
- MORAES, S. P. DE, & VITALE, M. S. DE S. (2015). Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência: interações ONU-Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(8), 2523–2531.
- NORO, Deisi; CRESPI, Livia; NÓBILE, Márcia Finimundi. Formação docente sobre gênero e sexualidade: conhecimento, relevância, caminhos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 12., 2019, Natal. Anais [...]. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, jun. 2019. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/anais/resumos/1/R0059-1.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. Minha vida de ameba: os scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola. 2014. 225 f. Tese (Doutorado em

- Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- PANIAGO, R. N.; SARMENTO, T.; ROCHA, S. A. DA. O PIBID e a inserção à docência: experiências, possibilidades e dilemas. *Educação em Revista*, v. 34, 22 Oct. 2018.
- PARISOTTO, L. et al. Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: integração dos paradigmas biológico, psicanalítico e evolucionista. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 25, n. suppl 1, p. 75–87, Apr. 2003.
- PEIXOTO, Reginaldo; MAIO, Eliane Rose. Educação Sexual escolar: entre a formação e as práticas pedagógicas – o que pensam os/as professores?. Universidade Estadual De Maringá Programa de Desenvolvimento Educacional. 2013. In: Os Desafios da Escola Pública Paranaense Na Perspectiva Do Professor Pde – Vol.1; Versão On-line ISBN 978-85-8015-076-6 Cadernos PDE. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ue_m_gestao_artigo_reginaldo_peixoto.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.
- QUEIROZ, TACINARA NOGUEIRA DE. Significados de sexualidades entre crianças em uma escola municipal de Cabo de Santo Agostinho-PE. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2013.
- RABELO, D. B.; COELHO, G. R. As contribuições do programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID) do subprojeto de biologia da ufes para a profissionalização docente de seus bolsistas e formação continuada do coordenador de área. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 23, n. 2, p. 190, 30 Aug. 2018.
- REEVES, S. An overview of continuing interprofessional education. *Journal of Continuing Education in the Health Professions*, v. 29, n. 3, p. 142–146, 2009.
- RODRIGUES, Adriana R. Ferreira; SALLES, Gilsani Dalzoto. Educação Sexual, Gênero e Diversidade Sexual: Formação de Professoras e Alunas Multiplicadoras como Metodologia de Ensino. Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas ISSN2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto de 2011. GT6- Gênero e Educação.
- ROZA, Rosângela da. Diversidade sexual no espaço escolar: concepções, percepções e práticas de adolescentes em escola pública urbana do Sudoeste do Paraná. Francisco Beltrão, 2017. 271 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão, 2018.
- SAMPAIO, J., SANTOS, G. C., AGOSTINI, M., & SALVADOR, A. DE S. (2014). Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 18(suppl 2), 1299–1311.
- SANTOS, M. DE J. et al. Caracterização da violência sexual contra crianças e adolescentes na escola - Brasil, 2010-2014. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 27, n. 2, May 2018.
- SANTOS, Benedito Rodrigues; IPPOLITO, Rita. Guia de referência - construindo uma cultura de prevenção à violência sexual. São Paulo: Childhood - Instituto WCF-Brasil: Prefeitura da cidade de São Paulo. Secretaria da Educação; 2009.

SILVA, R. C. P. DA; MEGID NETO, J. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 12, n. 2, p. 185–197, Aug. 2006.

SILVA, L. M. M.; SANTOS, Sandro Prado. Sexualidade e Formação Docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia. VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Campinas, 2011.

SILVA, Rosana Louro Ferreira; TAVARES, Jacqueline Bonardi; PASSOS, Silvia Gomes; LEITE Andréa Regina Buratti; MIRANDA, Meiri Aparecida Gurgel de Campos. Sentidos do PIBID Biologia Para Alunos da Educação Básica. IV ENEBIO e II EREBIO da Regional 4. SBEnBio – Associação Brasileira de Ensino de Biologia. 2012.

SOUSA, Adriele Rodrigues; MELO, Edia Maria de Souza Costa. O uso dos espaços não formais como instrumento facilitador do ensino aprendizagem de matemática no Colégio Estadual Argemiro Antônio de Araújo. Universidade Estadual de Goiás. 2016. Disponível em: <http://www.aprender.posse.ueg.br:8081/jspui/handle/123456789/56>. Acesso em: 11 de mar. 2021.

SPAZIANI, R. B.; MAIA, A. C. B. Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras. *Psicopedagogia*, v. 32, n. 97, p. 61–71, 2015.